

Tense and aspect in English and Portuguese: a contrastive semantical study

Diana Maria de Sousa Marques Pinto dos Santos

Junho de 1996

RESUMO ALARGADO

Esta tese surgiu da necessidade de descrever a língua portuguesa de forma a ser processada por computador.

O estudo do tempo (verbal) e aspecto em português foi escolhido por ser um domínio relacionado com a representação do conhecimento que os falantes do português fazem do conceito tempo, e pela sua presumível aplicação quer na compreensão de narrativas em português quer na formalização do raciocínio sobre acções em geral.

Devido à enorme literatura existente sobre o assunto em relação à língua inglesa, e de forma a poder, por um lado, fazer uso das propostas nela contidas, e, por outro, poder estudar o português na sua identidade própria, decidi fazer um estudo contrastivo que pusesse em foco quer as semelhanças quer as diferenças das duas línguas no que se refere à informação temporal-aspectual. Tal trazia além disso a vantagem de tornar o presente estudo interessante também para a tradução automática entre as duas línguas, que era um assunto no qual já tinha trabalhado e conhecia pois as carências a nível de estudos quer teóricos quer práticos em relação ao par português-inglês.

Visto que o meu conhecimento de inglês está muito aquém de uma proficiência nativa, impôs-se o uso de textos originais (e suas traduções) como objecto de estudo. O recurso a corpora não esteve nunca em questão, contudo, visto que o considero metodologicamente necessário em Engenharia da Linguagem.

Esta tese corresponde por conseguinte a trabalho em áreas que se encontram em geral separadas: semântica (computacional), tradução, e processamento de corpora. Um dos méritos do presente trabalho é pois a capacidade de integrar perspectivas e métodos de disciplinas diferentes.

Após uma descrição detalhada do conteúdo de cada capítulo da tese, indicarei os

resultados que me parecem mais relevantes.

Esquema da tese

A tese é composta de três partes, mais uma introdução (capítulo 1) e um pequeno capítulo de observações finais (capítulo 15).

A primeira parte (capítulos 2 a 4) trata das questões teóricas, tentando responder (parcialmente) às seguintes grandes questões: O que é um estudo contrastivo? Qual é a semântica do tempo e do aspecto? Como é que se analisa a tradução em geral (e traduções em particular)?

A segunda parte (capítulos 5 a 8) contém as propostas práticas e a sua utilização para a descrição do português e do contraste deste com o inglês, que é, como antes afirmei, um dos objectivos do presente trabalho. Em particular, são sugeridos dois modelos computacionais que são depois empregues na descrição de um grande número de traduções constantes no corpus.

Finalmente, a terceira parte (capítulos 9 a 14) apresenta vários estudos empíricos detalhados com base no corpus, quer sobre o português apenas, quer versando o contraste das duas línguas.

Passo pois a descrever resumidamente o conteúdo de cada capítulo, indicando a carregado o número das secções relevantes.

O capítulo 1, Introdução, relata de forma sucinta as dificuldades conceptuais de usar traduções como dados semânticos (1.1), introduz o tema do tempo e do aspecto (1.2), e apresenta a minha visão sobre a disciplina do Processamento de Linguagem Natural (também chamada Linguística Computacional) (1.3). Além disso, descreve sucintamente o corpus utilizado, discutindo criticamente algumas opções tomadas na sua constituição (1.4). Finalmente, os leitores são informados dos problemas com que me deparei pela necessidade de exprimir em inglês uma tradução da parte portuguesa de cada par original-tradução apresentado como exemplo, e a filosofia que segui nessa tarefa é exposta em traços largos (1.6).

O capítulo 2, Línguas em contraste, é dedicado à problemática da comparação de duas línguas. Nele exponho que, em geral, quer em estudos de semântica quer em sistemas de processamento de linguagem natural, é comum, embora profundamente errado, assumir que as línguas exprimem o mesmo significado por meios diferentes (2.1). Descrevo sucintamente (2.2) três perspectivas básicas no contraste de duas ou mais línguas: a perspectiva universalista, a tipológica, e a relativista, apresentando alguns exemplos de cada no domínio do tempo e do aspecto, e decidindo, após criticar as anteriores, por uma posição relativista, convenientemente motivada (2.5). Noto

também que o facto das duas línguas em presença serem da mesma família (a indo-europeia) não é razão para modificar a forma de investigação do seu contraste (2.4), e menciono de passagem a disciplina dos estudos contrastivos (2.3).

O capítulo 3 intitula-se Tradução e tem como principal objectivo investigar como comparar duas línguas através da sua tradução, sem partir da hipótese de que a tradução preserva o sentido. A primeira parte oferece uma panorâmica das abordagens a essa questão, na disciplinas da tradução automática (3.1) e da linguística (3.2). A segunda parte foca a questão da descrição de pares original-tradução, investigando o conceito de "desajuste na tradução" ("translation mismatch") (3.3) e demonstrando que, se esse conceito é apropriado em tradução automática, não se adequa às necessidades da análise de traduções humanas, sobre as quais este estudo versa (por serem consideradas dados semânticos). Em alternativa, uma tipologia de pares original-tradução é sugerida, em função do grau de preservação da informação na tradução (3.4). Em seguida, o fenómeno da interferência da língua origem nos textos traduzidos na língua destino, designado por tradutês ("translationese") é apresentado (3.5), e feita breve menção à questão complexa da qualidade de uma tradução (3.6). Esta segunda parte é coroada por uma discussão de algumas das consequências do exposto até ao momento (3.7): em particular, afirmo que é impossível contar com (sequer) uma maioria simples de pares original-tradução que preservem o significado, e que não é realista esperar que a tarefa de análise de traduções humanas (já feitas) seja mais fácil do que a implementação de traduções automáticas (por fazer), argumentando contra o que me parece um optimismo injustificado por parte de alguns investigadores. Finalmente, a terceira parte deste capítulo, sem dúvida a mais importante, argumenta a favor do uso de corpora traduzidos para a comparação e contraste de duas línguas, argumento que reputo original (3.8.1), e esboça uma proposta de metodologia geral para esse tipo de estudos (3.8.2). Esta proposta representa uma reflexão sobre as possibilidades de investigação na área, mas não reflecte, contudo, por posterior, os estudos empíricos descritos no resto da tese. Concluo (3.9) afirmando, entre outras coisas, que a única maneira correcta de comparar duas línguas é através do estudo de traduções independentes, mas que, não só é preciso analisar a relação de sentido subjacente a cada relação de tradução, como

as línguas diferem mais no que dizem do que naquilo que conseguem dizer.

O capítulo 4, sobre a Semântica do tempo e do aspecto, pretende iniciar o leitor nos assuntos que me parecem mais relevantes na vastíssima literatura na área, sempre através da expressão das minhas opiniões pessoais, por vezes polémicas. Primeiro (4.1), distingo três tipos de questões sobre as quais me vou pronunciar: problemas de definição, de descrição/explicação e de cálculo. Segue-se a sua discussão. Dois assuntos

a que dou particular importância são a questão da ontologia (aquilo sobre o qual se fala) (4.3.2 e 4.3.4), em que proponho uma distinção irreduzível entre acontecimentos ("events"), estados ("states") e qualidades ("properties"), e a questão da vagueza ("vagueness") (4.4.3), que defendo como uma das propriedades essenciais da linguagem natural como veículo de transmissão de informação. Para o leitor apressado, termino (4.5) listando as conclusões mais importantes do capítulo.

O capítulo 5 apresenta Um modelo descritivo para tempo e aspecto e sua tradução, contendo, primeiro, a minha redefinição da rede aspectual ("aspectual network") proposta por Moens (1987) (5.1). O sistema de tempo e aspecto do inglês é seguidamente descrito e discutido brevemente nesse enquadramento (5.2). Finalmente, sugiro um modelo para a descrição de traduções baseado no acoplamento de duas redes aspectuais diferentes, a rede de tradução ("translation network") (5.3). A essência destas propostas será apresentada mais abaixo.

O capítulo 6 é totalmente dedicado a Um esboço do sistema de tempo e aspecto do português, contendo contudo algumas secções que ultrapassam esta questão: O uso das categorias propostas por Vendler (1967) para línguas que não o inglês é duramente criticado, sendo, pelo contrário, feita a apologia do método proposto por este investigador para a descoberta das categorias subjacentes a cada língua (6.1). Esse método é seguido neste capítulo, que defende (6.2 a 6.5) que existem três categorias (aspectuais) principais em português: Propriedades (ou estados permanentes), Estados (temporários), e Acontecimentos, e que estes últimos são conceptualizados quer como Mudanças quer como Obras. (Mudanças são acontecimentos que se resumem a ter um resultado; Obras são acontecimentos que levam tempo.) As propriedades, por seu lado, são divididas, por critérios linguísticos, entre Propriedades essenciais e Propriedades sociais. Finalmente, outras classes compostas são identificadas e discutidas: Aquisições, Moradas, Estados, Séries, Obra+Mudança, e Mudança+Obra. O problema do ponto de vista ("perspectival aspect") e da quantificação em português, mencionados no capítulo 4 como relevantes em geral, são também tratados brevemente neste capítulo (6.6 e 6.7). Em seguida, é apresentada uma descrição de alguns tempos verbais em português (6.8), terminando com uma descrição da língua em forma de rede aspectual (6.9). É de salientar que, apesar de não ter sido dada muita atenção nesta tese a fenómenos de quantificação, uma sugestão de alargamento do modelo geral nesse sentido é avançada (6.9.2). O capítulo termina com uma explicação, à luz do material nele exposto, de porque é que os testes e classes de Vendler não são apropriados para a língua portuguesa (6.10).

O capítulo 7, por seu lado, apresenta uma amostra significativa dos problemas

que se põem Contrastando o inglês e o português, divididos em 4 grandes classes: (i) casos em que a língua de origem é aspectualmente vaga em relação a uma distinção requerida pela língua destino (7.1); (ii) casos em que a língua de origem é aspectualmente compacta em relação à língua de destino, ou seja, em que a primeira associa informação que a última tem de exprimir por meios independentes (7.2); (iii) casos em que o contraste é devido a diferenças na referência temporal (7.4) e (iv) diferentes preferências gerais nos assuntos expressos por cada língua (7.5). Resumindo os casos de diferença aspectual discutidos, duas redes de tradução -- do inglês para o português, e do português para o inglês -- são apresentadas (7.3). Algumas limitações do formato são também discutidas, e prometida a sua solução no capítulo seguinte.

Este, o capítulo 8, não faz mais do que apresentar algumas Considerações formais, divididas em três partes: Em primeiro lugar (8.1), discute possíveis aplicações práticas do trabalho desta tese, apresentando o varredor de traduções ("translation browser") ideal, após uma breve panorâmica dos varredores existentes, e sugerindo várias aplicações integrando um tal sistema. Em segundo lugar (8.2), os conceitos de rede aspectual e de rede de tradução são investigados na perspectiva de uma formalização. Dois tipos de abordagem são seguidos e confrontados: a teoria de autómatos e de linguagens formais, e a especificação algébrica de tipos de dados abstractos. O objectivo destas digressões é o de tornar mais clara a especificação informal dos capítulos anteriores. Além disso, algumas propriedades da relação de tradução enquanto relação matemática são explicitadas. Finalmente (8.3), adapto a teoria do tempo e do aspecto de Carlson (1993) à formalização das duas redes (aspectual e de tradução), e analiso alguns casos problemáticos de tradução entre as duas línguas, descritos no capítulo anterior.

O capítulo 9 inicia o relato dos estudos empíricos que precederam e informaram as conclusões chegadas nos capítulos anteriores, descrevendo os Estudos preliminares. Aqui se descreve a preparação do corpus e as decisões tomadas na sua anotação (9.1), e é oferecida uma panorâmica detalhada dos *corpora* no que se refere à distribuição dos tempos verbais, à distribuição das traduções de um dado tempo verbal na outra língua, e à distribuição das origens de um dado tempo verbal numa tradução (9.2). Os primeiros resultados são brevemente mencionados para motivar a sequência de estudos que se lhes seguiu (9.3). São também, apresentados, à laia de conclusão deste capítulo assaz heterogéneo, alguns comentários sobre as deficiências e vantagens do material produzido, à luz do trabalho subsequente (9.4).

O capítulo 10 relata o primeiro, e o mais extenso, estudo aprofundado que se seguiu à obtenção dos dados quantitativos apresentados no capítulo anterior, Um estudo

detalhado do Imperfeito. Este tempo verbal foi escolhido pela sua frequência e pela minha convicção de que muita da informação que expressava não tinha paralelo em inglês. Segui três métodos diferentes para o investigar: o primeiro consistiu na anotação de todas as orações com esse tempo num *subcorpus* em português (aprox. um sexto do *corpus* total) com um conjunto de etiquetas correspondentes a várias suas caracterizações tradicionais, tais como EXT (extensão), HAB (hábito), IND (discurso indirecto), PIT (uso pitoresco), etc. A distribuição e a co-ocorrência destas classificações foi então observada. Após descrição deste processo, algumas generalizações são aventadas, e a problemática de um significado único é discutida (10.2). O segundo método concentrou-se na tradução para inglês das orações em Imperfeito, em particular na observação detalhada das traduções que não empregavam simplesmente o "simple past", a tradução por defeito. O objectivo desta análise (10.3.1) é, por um lado, tentar validar as conclusões anteriores baseadas apenas na análise do português e, por outro, investigar áreas que correspondam a dificuldades especiais de tradução. Finalmente, o terceiro método, dual do anterior, investiga as orações inglesas que deram origem a uma tradução empregando o Imperfeito, centrando-se uma vez mais nos casos provenientes de tempos diferentes do "simple past" (10.3.2). A finalizar, outros estudos contrastivos focando o Imperfeito são discutidos de forma breve (10.3.3), antes de resumir as conclusões mais relevantes e avaliar globalmente a investigação (10.4).

O capítulo 11, por seu lado, analisa os Verbos de percepção em inglês e em português, partindo de uma motivação dupla (11.1): Por um lado, estes verbos parecem ser adicionados ou retirados livremente pela tradução; por outro, exprimem perspectiva, um conceito intimamente relacionado com o aspecto. Em primeiro lugar (11.2), investigo a correlação entre a dicotomia Imperfeito-Perfeito e a oposição entre o "simple past" e o uso do modal *could* em inglês. Depois (11.3), observo as propriedades das frases envolvendo um verbo de percepção cujo objecto é a descrição de um acontecimento, assim como (11.4) analiso todas as traduções em que se verifica a adição de um verbo de percepção. Termino tentando estabelecer regras de tradução nos dois sentidos e notando que, embora a percepção física seja um fenómeno indiscutivelmente partilhado pelos falantes de qualquer língua, a forma de a conceptualizar, e de a ela referir, difere consideravelmente de língua para língua (11.5).

O capítulo 12 concentra-se novamente nos fenómenos gramaticais, e estuda O "present perfect" e a sua expressão em português, partindo de uma descrição condensada deste (12.1) e do paralelo entre as suas descrições monolingues e as da partícula *já* em português (12.2). Primeiro (12.3), discuto as possíveis causas do não

aparecimento da construção *já*+Perfeito como uma instanciação do valor "perfect" no estudo de Dahl (1985), e interrogo-me (12.4) sobre a ocorrência quase nula desta tradução no corpus. Estas questões levam a um estudo aprofundado de *já* (12.5), do conceito de 'agora estendido' ("extended now") (12.6), que é tradicionalmente invocado nos estudos sobre a língua inglesa, e do verbo *acabar de* no seu sentido de "foi há pouco tempo que" (12.7), para concluir que não há uma tradução do significado do "present perfect" no seu conjunto, e que, em relação a diferentes partes do seu significado global, existe diferente possibilidade de o transmitir, ou não, em português (12.8). Concluo chamando a atenção para a diferença entre possíveis descrições paralelas dos contextos mais típicos de dois marcadores linguísticos em línguas diferentes e a sua utilização na prática das duas línguas (12.9).

Na sequência desta última observação, o capítulo 13 investiga Mais que perfeitos e tempos simples com a intenção de analisar o motivo das várias traduções (nos dois sentidos) que substituem um por outro, como é patente no estudo quantitativo preliminar apresentado (13.1). Este capítulo é essencialmente descritivo, analisando detalhadamente as traduções para tempos simples (13.3) e as que transformam tempos simples em Mais que perfeitos (13.2), terminando por uma súmula das tendências mais vincadas (13.4). A principal lição aqui retirada é a de que não pode de forma alguma ser dispensado o estudo do desempenho dos utilizadores de uma língua, ao traduzirem, complementando uma descrição dos paralelos entre a competência dos falantes das duas línguas envolvidas.

Finalmente, o capítulo 14 debruça-se novamente sobre o Imperfeito, mas agora na sua oposição com o Perfeito, versando A distinção Imperfeito/Perfeito e a sua expressão em inglês. Primeiro (14.1), estudo a distribuição dos dois tempos com os verbos *ser* e *estar*, e verifico que a tradução para inglês destes verbos no Perfeito não preserva o significado original. Investigando os casos de tradução do verbo inglês *be* para o Perfeito, por seu lado (14.2), descubro dois fenómenos dignos de nota: a adição de incoatividade (a expressão do início do estado) e a adição de perspectiva. Em relação aos outros verbos que não *ser*, *estar* ou *be*, analiso em detalhe uma amostra de 60 casos de tradução de Perfeito para o "simple past" e de 60 casos de tradução do Imperfeito para o "simple past" (14.3.2), assim como 50 casos de tradução do "simple past" para cada um destes dois tempos portugueses (14.4.1). Além de tratar uns poucos outros casos particulares, o capítulo termina com algumas (meta-)observações relativas ao processo de análise das perdas e ganhos de informação nos pares original-tradução inspeccionados (14.5).

O capítulo 15, muito breve, contém apenas algumas Observações finais. Nele,

volto a afirmar que o método de confronto de duas línguas não pode ser feito partindo da premissa que as línguas dizem o mesmo (por meios diferentes) (15.1). Além de referir brevemente as limitações e as qualidades mais flagrantes do trabalho na sua globalidade (15.2 e 15.3), sugiro analisar a formalização da linguagem natural como se de uma análise de tradução se tratasse (15.4), e interrogo-me sobre a separação do estudo do tempo na inteligência artificial e no processamento de linguagem natural (15.5).

Propostas principais

Esta tese contém várias propostas tanto teóricas como práticas, assim como apresenta um conjunto de hipóteses sobre as línguas estudadas e sobre a sua tradução. Vou descrever aqui as que me parecem mais relevantes, e apenas mencionar outras com ponteiros para o local onde são formuladas.

No que se segue, a ordem de apresentação obedece a critérios de clareza de exposição e não corresponde a qualquer gradação em termos da importância dos pontos focados.

Funções do sistema de tempo e aspecto

Em primeiro lugar, proponho que o sistema de tempo e aspecto de uma língua serve as seguintes funções (ou, em alternativa, que pode ser descrito em função dos seguintes parâmetros):

1. O conjunto das classes aspectuais que correspondem à categorização da realidade própria da língua, conjunto esse que contém necessariamente classes complexas (no sentido de associar mais de uma entidade, perfil temporal, etc. a expressões da língua, desde que haja uma coerência sistemática entre as várias interpretações).

2. A marcação do ponto de vista, que se traduz na possibilidade de indicação, para certos tipos de situações (consequentemente categorizados por certas classes aspectuais), da localização do observador em relação a essa situação.

3. A indicação da localização de um dado acontecimento em relação a um eixo temporal com, no máximo, três pontos distintos.

4. A expressão da relação entre esse eixo temporal e o momento de enunciação (identidade, translacção ou incomensurabilidade).

5. A atribuição de valores de verdade (ou de "proposicionalidade" -- "proposition-hood") a uma expressão linguística.

6. A transmissão de quantificação em termos temporais: ou seja, contar (uma vez, um número finito definido, ou um número indefinido de vezes) a(s) ocorrência(s) de

uma dada situação.

Devido ao meu objectivo de comparar traduções com os originais de que são derivadas, preocupei-me particularmente com os três primeiros pontos.

O conceito de rede aspectual e a sua aplicação ao inglês e ao português

Quanto à descrição do sistema de tempo e aspecto de uma língua, sugiro na tese um modelo para representar as classes aspectuais de uma língua baseado na rede aspectual de Moens (1987), que é modificada e expandida de forma a abarcar outros tipos de informação. As alterações mais significativas ao modelo original foram o restringir da coacção, na minha opinião demasiado potente no sistema de Moens, e a re-interpretação do modelo como essencialmente computacional, i.e., sem pressupor o conceito de "núcleo" de Moens como subjacente às classes (nós) da rede.

Em consequência destas alterações, sugeri as redes aspectuais apresentadas nas Figuras 5.3 e 6.4 (nas quais, saliente-se, não estão presentes todos os elementos que contribuem para este assunto em cada língua).

Enquanto que para a língua inglesa me baseei na extensa literatura existente, mais não fazendo do que corrigir, do meu ponto de vista, algumas incorrecções do(s) modelo(s) vigente(s) (5.2), para o português a maior parte das análises baseia-se na minha própria discricção, embora tenha tentado ler tudo quanto sobre o assunto tenha sido escrito, e que não é, infelizmente, muito.

A maior contribuição do capítulo 6, em que o comportamento aspectual do português é esmiuçado, é, na minha opinião, a de mostrar que partir do comportamento linguístico de uma língua, ao invés de aplicar modelos concebidos para outras, proporciona melhores resultados e uma maior compreensão do sistema, que é único, dessa língua.

Figura 5.3: Rede aspectual para o inglês

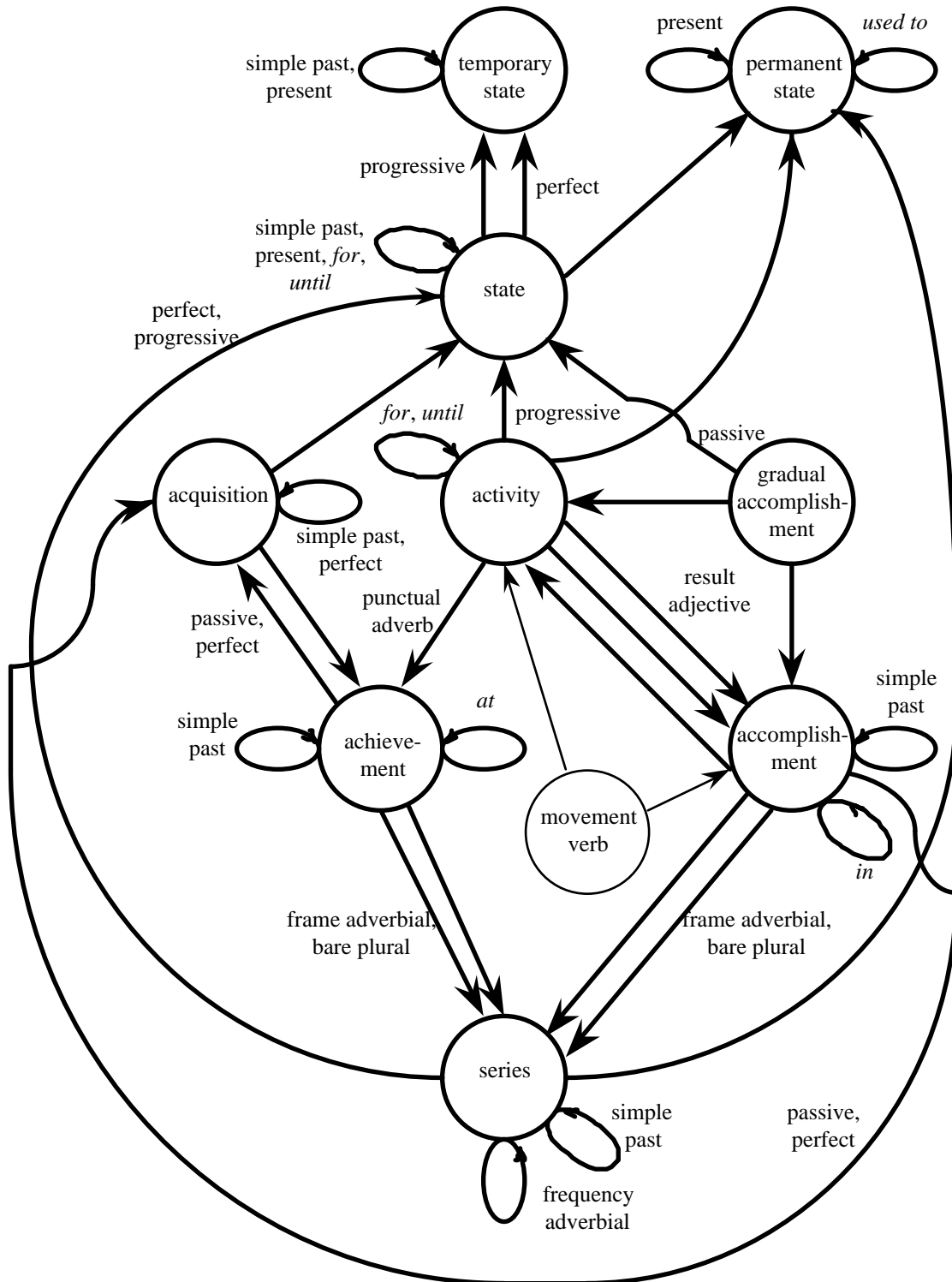
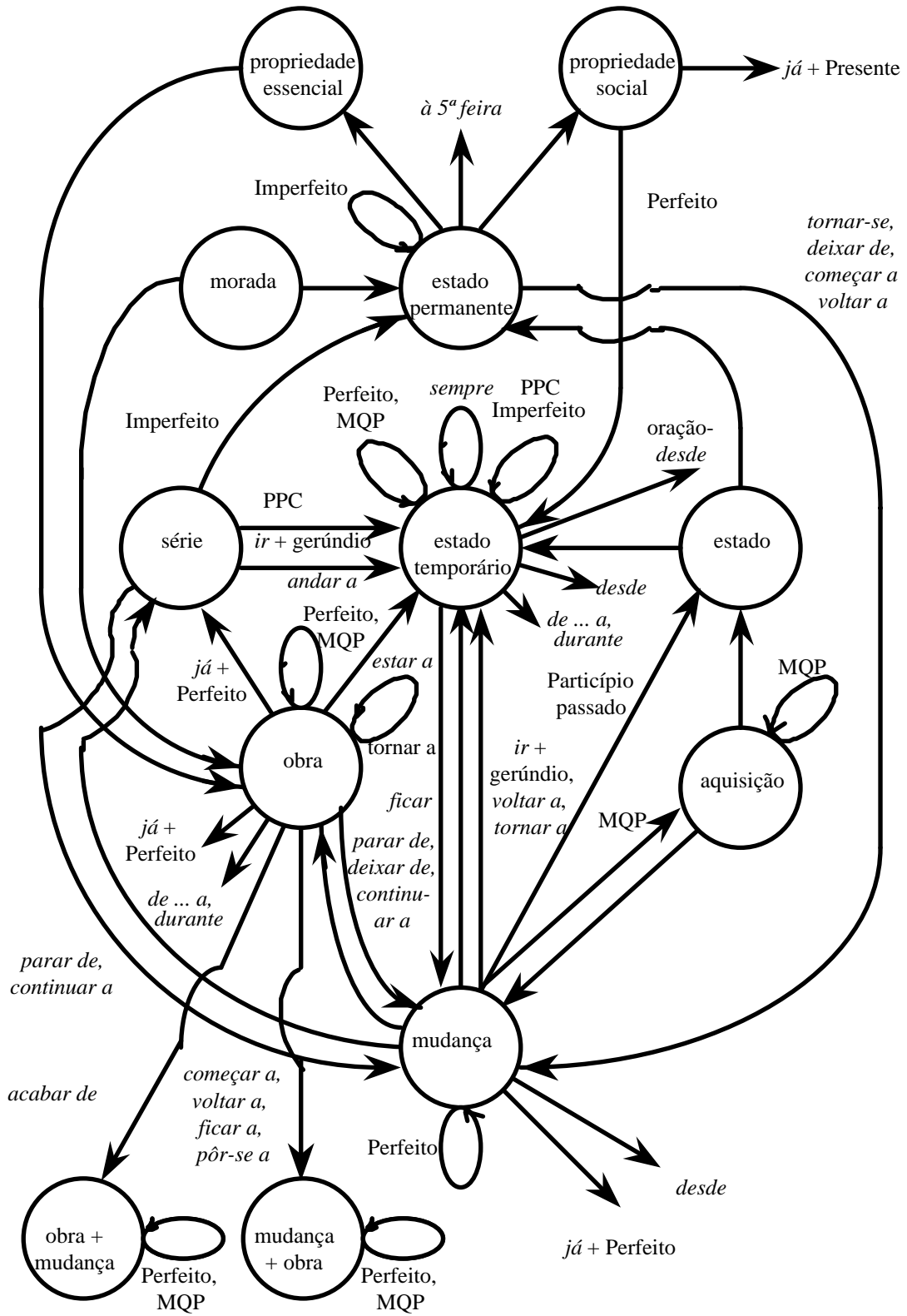


Figura 6.4: Rede aspectual para o português



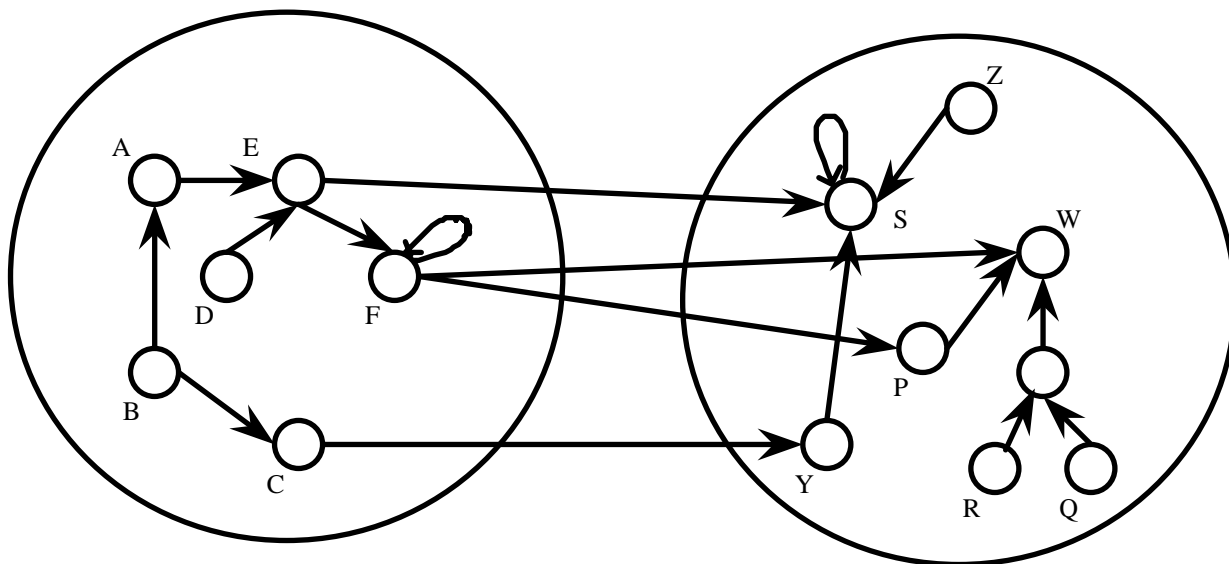
O conceito de rede de tradução e a sua aplicação ao par de línguas português-inglês

Outra contribuição desta tese é a de propor um modelo para a descrição de pares original-tradução, no que se refere ao seu conteúdo aspectual, através de uma rede de tradução. Ao longo da tese, esse modelo vai sendo progressivamente refinado, desde a sua apresentação inicial (5.3), com a discussão de várias propriedades adequadas ao contraste entre duas línguas que foram discutidas antes, passando pelo seu uso extensivo no capítulo 7, apresentando várias dezenas de redes de tradução parciais para o contraste entre as duas línguas (7.1 e 7.2) e uma sistematização das alterações à rede aspectual da língua de origem exigidas pela tradução (7.3), até à discussão das propriedades formais da relação de tradução que lhe estão subjacentes (8.2.2.2).

Porque esta proposta é original, ou seja, não se baseia noutras já existentes na literatura, como foi o caso para a rede aspectual, tentarei aqui fornecer uma descrição resumida.

Uma rede de tradução põe em presença as duas redes aspectuais das línguas envolvidas, e pode ser, numa primeira abordagem, descrita como um mapeamento dos nós (representando classes aspectuais) da língua origem nos nós da língua destino, como a Figura 5.4 representa.

Figura 5.4: Uma rede de tradução fictícia



O facto de duas línguas não serem isomórficas na sua caracterização, nem no conjunto de operadores que empregam, faz com que esse mapeamento não seja, em geral, de 1 para 1 (ou seja, não defina uma função injectiva -- nem sobrejectiva).

Além disso, o facto do tradutor estar a "ver" a língua de origem através dos "óculos" da língua destino (que é, em geral, a sua), faz com que as seguintes três

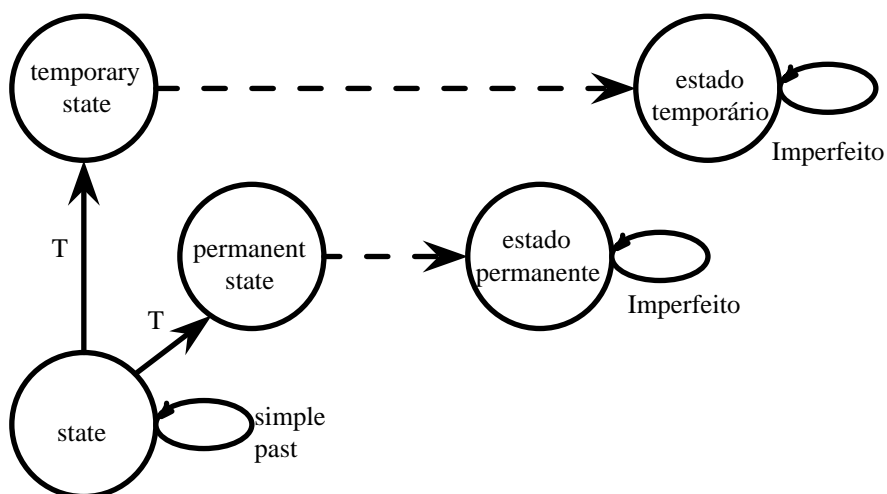
modificações da rede aspectual da língua origem sejam geralmente necessárias:

1. Novas categorias, e/ou transições são adicionadas devido à interpretação na língua destino. A essas transições, obrigatoriamente não marcadas, convencionei chamar "transições coagidas pela tradução".
2. Novas categorias, refinando as categorias da língua destino e consequentemente desdobrando o mapeamento respectivo, são adicionadas. Este fenómeno corresponde aos casos em que a língua de origem trata da mesma forma situações (objectivamente) diferentes, que a língua destino trata de forma distinta.
3. Novas categorias, envolvendo a história da sua obtenção, são adicionadas. Tal traduz os casos em que sequências de categorias (podendo, consequentemente, envolver operadores linguísticos) são traduzidas de forma distinta da da categoria final isoladamente.

Ilustro em seguida estes três casos, através da apresentação de alguns (conjuntos de) pares original-tradução e correspondentes redes de tradução parciais, de forma a poder dar uma imagem concreta do tipo de problemas tratados na tese e da forma de os descrever / resolver:

1. Enquanto que a distinção entre estados permanentes e temporários (ou, melhor dizendo, entre qualidades e estados) ocupa um papel preponderante na língua portuguesa (6.2), não é muito relevante em inglês, onde raras vezes é marcada linguisticamente. Para traduzir um texto inglês para português, é pois frequente que o tradutor tenha de "induzir" essa distinção (sobre a qual o texto inglês é vago) na rede aspectual do inglês (7.1.4).

Figura 5.7: Um exemplo de coacção causada pela tradução



Os dois pares seguintes ilustram escolhas diferentes relativas à rede de tradução

especificada na Figura 5.7, em que "T" marca uma transição causada pela tradução (ou melhor, pela incapacidade da tradução preservar a vagueza).

Beside him on a table was a small Oriental gong and a bowl of cigarettes.

ao lado, na banca de cabeceira, havia um pequeno tantã oriental e um maço de cigarros.

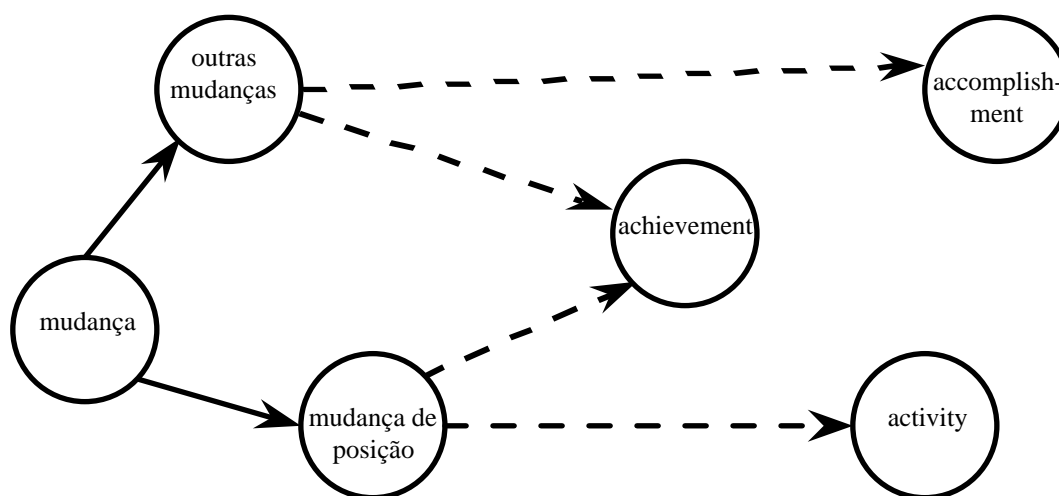
And he drank a little pulque and that was breakfast

Bebeu um pouco de pulque. E foi o seu pequeno almoço.

No primeiro exemplo, a situação foi interpretada como permanente, no segundo, como temporária ou circunstancial. Ora, como qualquer falante do português pode confirmar, são igualmente possíveis (embora com sentido diferente) as traduções *estava um pequeno tantã* e *e (este) era o seu pequeno almoço*, que invertem a escolha.

2. Em português não há diferença aspectual entre uma mudança de lugar e uma mudança de estado: ambas são categorizadas como Mudanças. Em inglês, pelo contrário, uma mudança de lugar pressupõe uma forma de movimento, cuja expressão tem uma realização aspectual muito diferente das mudanças de estado inglesas, "accomplishments" ou "achievements" (7.1.6.2), como a Figura 7.33 ilustra.

Figura 7.33: Rede de tradução explicitando os dois tipos de Mudanças



Os exemplos seguintes ilustram várias traduções de Mudanças portuguesas:

a) Por "accomplishments" (ou seja, acontecimentos com um resultado e que têm um processo associado):

e a voz tornou-se-lhe amarga para acrescentar: --
and his voice grew bitter as he added, "

b) Por "achievements" (ou seja, acontecimentos que correspondem a uma mudança de estado vista como pontual):

*E no momento em que Deus, Ele e a Palavra se **tornaram** um só*
*And at the moment when God, He, and the Word **became** one*

c) E por "activities" (ou seja, acontecimentos sem resultado inerente que se desenvolvem homoganeamente no tempo):

*Depois, **foi** a uma mesa próxima*
*He then **walked** to a nearby table*

*O escravo, tão suavemente como entrara, **saiu**.*
*The slave **slipped out** as quietly as he had entered.*

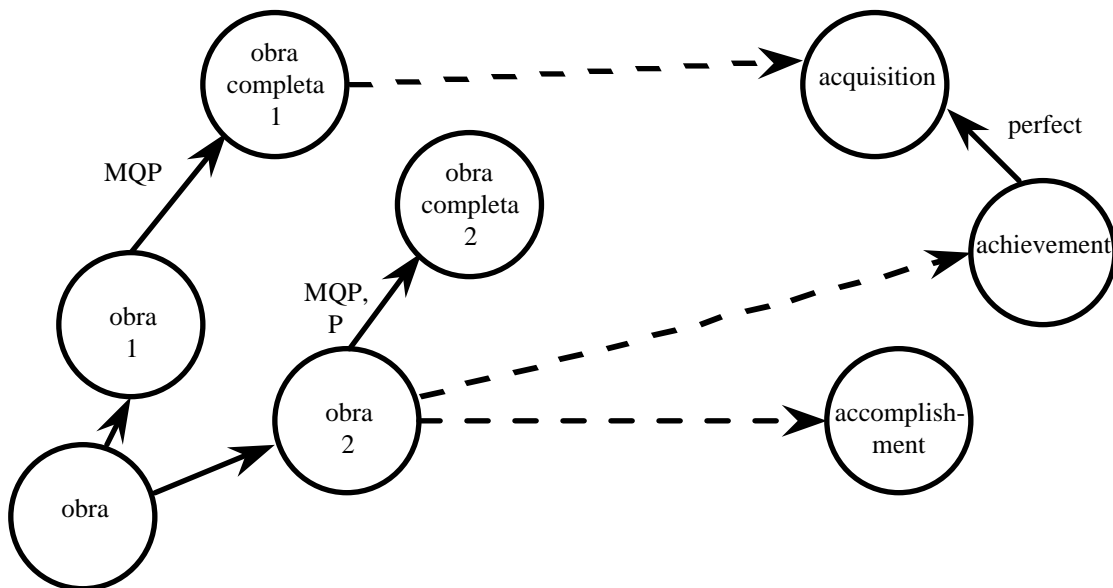
***Passei** entre as mesas empilhadas.*
*I **walked** among the stacks of tables.*

Este último caso, ao contrário dos anteriores, não representa uma escolha do tradutor (como entre, por exemplo, "accomplishment" ou "achievement"). Pelo contrário, depende do tipo de Mudança. (Ainda que também haja escolha entre "activity" e "achievement" no caso de mudanças de lugar, como a figura indica e o exemplo seguinte demonstra:

*E Marco Semprônio subiu os degraus e **penetrou** no palácio.*
*And Marcus Sempronius climbed the stairs and **entered** the palace.)*

3. Finalmente, uma Obra no Mais que perfeito é frequentemente traduzida por uma "acquisition" obtida a partir de um "achievement" exprimindo a mudança inicial (correspondendo pois, imperfeitamente, ao início da Obra), como é ilustrado na Figura 7.35.

Figura 7.35: Rede de tradução considerando dois tipos de Obras



Exemplos de tradução desta combinação são:

*onde agora, como não onde o frade se **distraíra**, as pedras eram tão numerosas*
*where now, unlike when the friar had **become** distracted, stones were as numerous*

*que se **interessara** demasiado pela homenagem,*
*who had **become** too interested in the commemoration*

em que é notório que, em inglês, ao invés de uma situação temporalmente limitada, se indica o início e continuação de uma situação que pode manter-se até ao momento presente (da narrativa).

É flagrante pois o contraste com a tradução doutras Obras; cf. por exemplo:

*O papá **discursou**?*
*Did you **give** a speech, Papa?*

De facto, estes três fenómenos tornam as redes aspectuais "completas", que apresento nas Figuras 7.31 e 7.32, insuficientemente expressivas, permitindo, no entanto, uma visão de conjunto. Nelas é patente, além disso, que a semelhança geral dos dois sistemas (no que se refere, por exemplo, à existência das duas classes "paralelas" aquisições e "acquisitions") oculta o facto de que, na prática, devido à falta de equivalentes lexicais e aos casos mais complexos enunciados acima, muito raramente se encontram caminhos paralelos ao analisar pares original tradução particulares.

Figure 7.31: Rede de tradução do inglês para o português

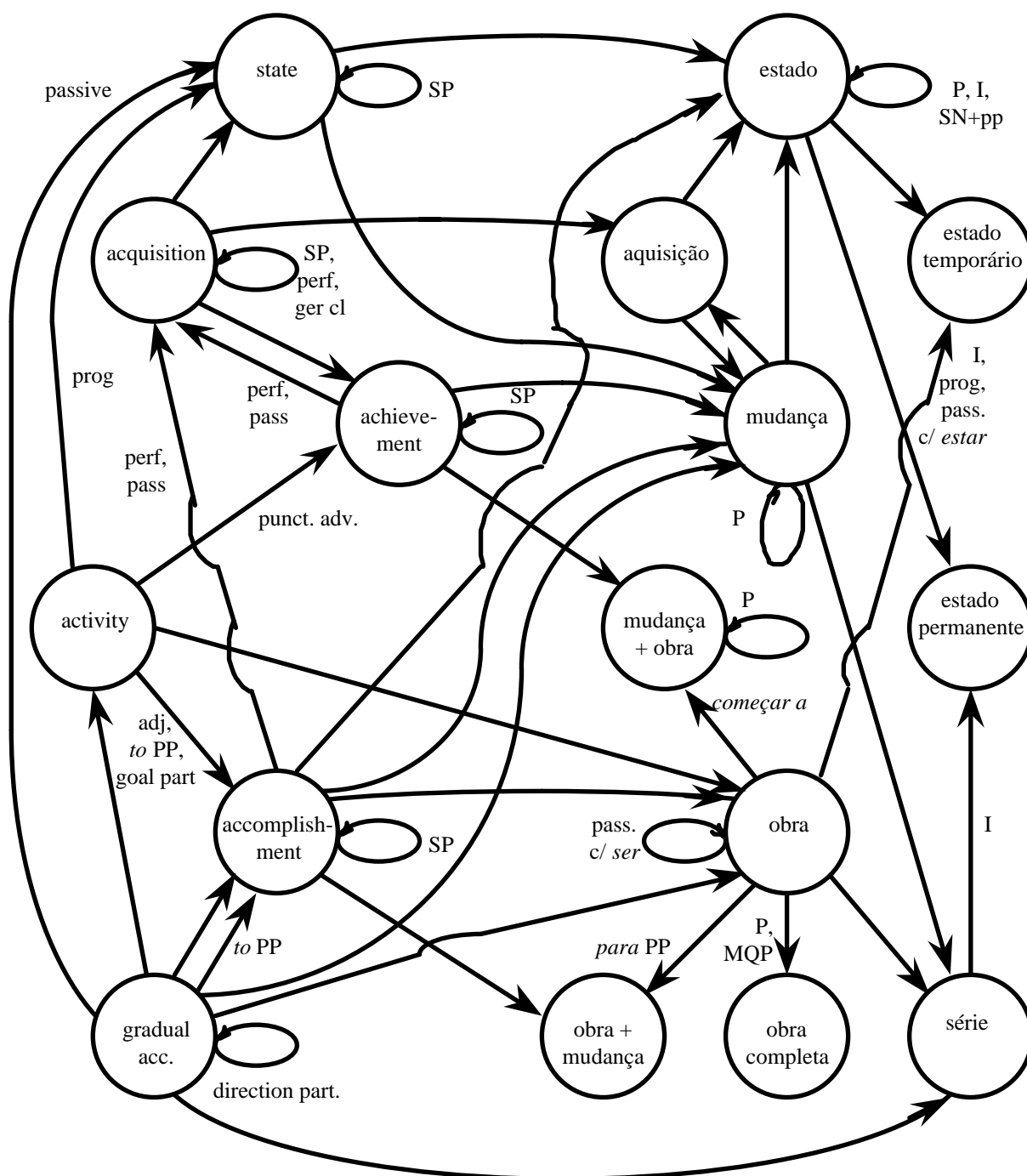
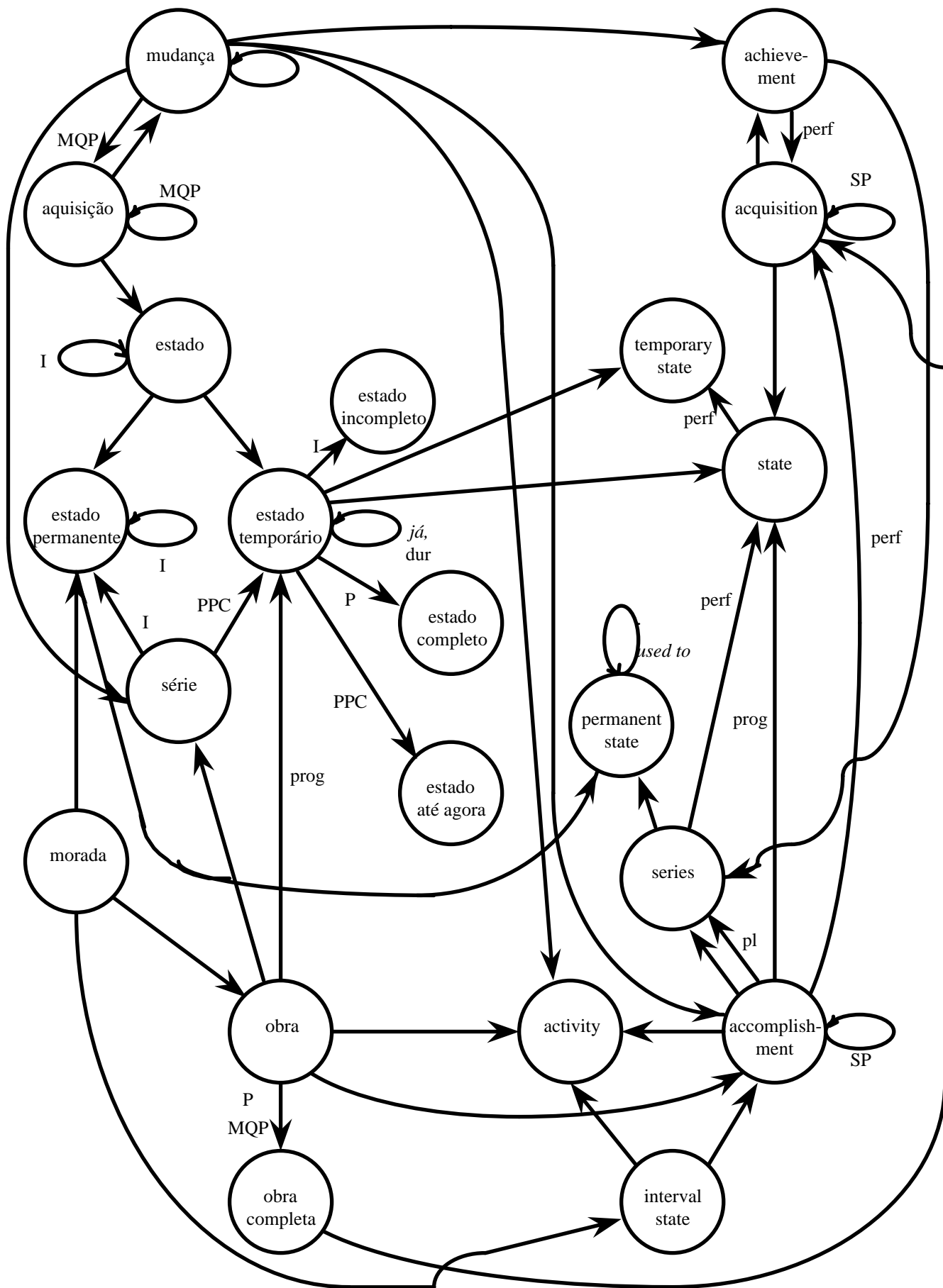


Figure 7.32: Rede de tradução do português para o inglês



A importância do 'vago' e da concisão na descrição da linguagem natural

Outra contribuição desta tese é a sua insistência nos conceitos de vagueza ("vagueness") e de concisão ("compactness") como necessários à descrição de uma linguagem natural, quer por si só, quer contrastando-a com outra.

Com efeito, é minha convicção que o primeiro fenómeno, ou seja, uma mesma expressão linguística poder, por um lado, ser interpretada de várias formas devido ao contexto, e, por outro, aceitar vários contextos em que é compatível com mais do que uma interpretação, é uma propriedade fundamental das línguas humanas. Por outro lado, o fenómeno de concisão corresponde ao caso em que novos mecanismos são criados para compactar mais do que uma informação, existindo não obstante a possibilidade de os exprimir separadamente.

Estes dois instrumentos teóricos são, além disso, de especial importância no confronto entre duas línguas distintas, como apontado, por exemplo, por Keenan (1978) e consagrado na literatura da tradução automática através do nome de "desajustes na tradução".

De facto, a minha sistematização (necessariamente incompleta) das diferenças entre o inglês e o português, apresentada no capítulo 7, baseia-se nestes dois conceitos, assim como a minha tentativa de identificação com base em *corpora* do fenómeno denominado por "tradutês" (3.8.2). E, naturalmente, a classificação de pares original-tradução que esboço como alternativa ao modelo dos desajustes na tradução tem tais fenómenos em especial atenção (3.4).

Além disso, a minha definição de classe aspectual identifica como objecto da classificação, ao contrário da demais literatura, a relação entre expressões linguísticas e tipos de situações (objectos semânticos, estas últimas), e, portanto, considera como classes, ao mesmo nível das que correspondem a expressões univocamente relacionadas com um tipo de situação, as expressões que correspondem a mais do que um tipo (ou seja, são sistematicamente vagas) (4.4.3).

Um argumento metodológico para estudos contrastivos

Finalmente, parece-me de importância referir que apresento na tese (3.8.1) um argumento em defesa da seguinte conclusão: A melhor maneira de efectuar estudos contrastivos é baseando-os em traduções existentes (ou, de forma mais técnica, em *corpora* paralelos).

E a razão para tal é que, apesar de as traduções quase nunca preservarem totalmente a informação expressa no texto original, exprimem um compromisso entre o

desejo de transmitirem o texto original e a vontade de serem naturais na língua de destino. Por isso, em muitos casos, acontece que, embora se possa dizer algo numa forma muito próxima da língua origem (e que, fora do contexto, seria provavelmente indicado como "a tradução" num estudo contrastivo baseado na competência bilingue do investigador), a língua destino tem outras formas (que são preferidas pelos seus falantes) de se exprimir, e que são empregues pelo tradutor (pese embora o perigo, que deve ser acautelado, através de estudos complementares) de este ser influenciado pela língua origem e produzir tradutês.

Conclusão

Esta tese tem como objectivo principal estudar a semântica do tempo e do aspecto nas línguas portuguesa e inglesa, usando para tal, como dados semânticos, traduções nos dois sentidos, feitas independentemente -- ou seja, feitas por tradutores profissionais, cujo objectivo não foi, nem nunca seria, o estudo (da tradução) dos fenómenos temporais.

Para esse estudo, foi necessário desenvolver um modelo para a descrição da tradução entre dois sistemas (linguísticos) diferentes, modelo esse concebido de forma a ser passível de implementação computacional, quer simplesmente como um varredor de traduções potente, quer como módulo integrante de várias aplicações de tradução assistida por computador.

O contraste dos dois sistemas efectuado com a ajuda desse modelo levou, na prática, também à formulação de várias hipóteses quanto às duas línguas, ao contraste entre elas, e à semântica do tempo e aspecto em geral. Além disso, forneceu vários dados quanto à prática da tradução e sua complexidade. Finalmente, a descrição detalhada dos vários estudos contrastivos realizados é oferecida a outros investigadores quer como exemplo metodológico (a melhorar), quer como ponto de partida para novas hipóteses sobre os assuntos em questão.

Bibliografia

- Carlson, Lauri. 1993. "Aspect". Relatório não publicado, Universidade de Helsínquia.
- Dahl, Östen. 1985. *Tense and Aspect Systems*. Basil Blackwell.
- Keenan, Edward L. 1978. "Some Logical Problems in Translation". F. Guenther & M. Guenther-Reutter (eds.), *Meaning and Translation: Philosophical and Linguistic Approaches*, Duckworth, pp.157-89.
- Moens, Marc. 1987. "Tense, Aspect and Temporal Reference". Dissertação de doutoramento, Universidade de Edimburgo.
- Vendler, Zeno. 1967. *Linguistics in Philosophy*, Cornell University Press.

Índice

Resumo alargado	1
Esquema da tese	2
Propostas principais.....	8
Funções do sistema de tempo e aspecto	8
O conceito de rede aspectual e a sua aplicação ao inglês e ao português.....	8
O conceito de rede de tradução e a sua aplicação ao par de línguas português-inglês.....	12
A importância do 'vago' e da concisão na descrição da linguagem natural	19
Um argumento metodológico para estudos contrastivos	19
Conclusão	20
Bibliografia.....	20